

## PODER

Especialistas ouvidos pelo **Correio** concordam que o acordo entre Donald Trump e Ursula Von der Leyen não seria capaz de isolar e prejudicar ainda mais a economia brasileira

# Acordo entre EUA e UE não trava tratado do Mercosul

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

» **China se propõe a ajudar o Brasil**

O acordo fechado, domingo, entre os Estados Unidos e a União Europeia — que reduzirá de 30% para 15% as tarifas de importação do bloco a partir de sexta-feira — respingará no Brasil, que acreditava no fechamento de uma conexão direta entre a UE e o Mercosul como uma saída para os produtos brasileiros, taxados em 50% pelo governo de Washington. Especialistas ouvidos pelo **Correio** concordam que se trata de uma dificuldade, mas que não representa um isolamento capaz de derrubar a economia brasileira.

Para a professora Lia Valls, que coordena o programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dois cenários devem ser analisados. O primeiro é se a UE resolver acelerar o acordo com o Mercosul para demonstrar que “não é submissa” aos interesses dos EUA. “E como eu (União Europeia) não sou submissa, estarei aberta às negociações com outros blocos e países”, ilustra.

O segundo cenário é que o acordo EUA-UE dificulte, ainda mais, as negociações entre Mercosul e União Europeia. “Os europeus estariam preocupados para acertar os detalhes deste acordo com os norte-americanos. Isso pode fazer com que a pauta do Mercosul caia ainda mais baixa nas prioridades dos europeus”, cogitou.

O professor de Relações Internacionais do Instituto de Direito Público (IDP) Alexandre Andreatta

No centro do impasse entre Estados Unidos e Brasil, o governo chinês criticou a postura do presidente Donald Trump de sobretaxar os produtos brasileiros. Para o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Guo Jiakun, guerras tarifárias “não têm vencedores” e a saída é o diálogo. “Já deixamos clara nossa posição. Guerras tarifárias não têm vencedores. O unilateralismo não serve aos interesses de ninguém. A China está disposta a trabalhar com o Brasil, outros países da América Latina e do Caribe e do Brics para defender o sistema multilateral de comércio centrado na OMC e salvaguardar a justiça internacional”, declarou o representante do governo chinês. Na semana passada, o encarregado de negócios da embaixada norte-americana no Brasil, Gabriel Escobar, disse a representantes do setor de mineração que o governo dos EUA têm interesse em ampliar seu acesso a minerais críticos como lítio, nióbio e terras raras, considerados estratégicos para os EUA. Levantamento do Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) listou 49 minerais críticos com risco de desabastecimento. Do total, 28 citam a China como país líder na produção, seja na extração, refino ou ambos. O Brasil aparece na lista como o principal produtor de nióbio — já que tem 98% das reservas mundiais e concentra mais de 90% da produção mundial. As principais mineradoras no país, no entanto, têm participação do capital chinês.

avalia que o momento para o fechamento do acordo entre a UE e o Mercosul era mais “favorável” antes de os europeus se acertarem com os norte-americanos. “O cenário era mais favorável para que o acordo com o Mercosul fosse assinado a toque de caixa, já que havia necessidade do bloco em ampliar parcerias, acessar novos mercados estratégicos e diversificar parceiros. Agora, com o avanço do acordo EUA-UE, o efeito pode ser outro: setores como carne e etanol, que são relevantes para o Mercosul, passam a enfrentar concorrência direta dos EUA, que podem ter acesso facilitado ao

mercado europeu. Isso tende a enfraquecer o peso político e econômico do nosso acordo e reduzir o espaço para concessões que, antes, pareciam mais viáveis”, sintetizou.

Andreatta pondera, porém, que, comparado ao acordo entre Mercosul-UE, o acordo entre norte-americanos e europeus ainda está em fase embrionária. “O que foi fechado entre EUA e UE é só um framework (esboço), com muitos pontos ainda em negociação. O primeiro-ministro francês François Bayrou, por exemplo, disse que o acordo (com os EUA) é um ato de submissão”, acrescentou.

O premiê, em seu perfil no X (antigo Twitter), afirmou: “É um

**15%**  
é a tarifa imposta pelos EUA às exportações da União Europeia, que, inicialmente, seria de 30%

dia sombrio quando uma aliança de povos livres, reunidos para afirmar seus valores comuns e defender seus interesses comuns, se resigna à submissão”, criticou, classificando o tratado como o “acordo Von der Leyen-Trump” — em referência à presidente da Comissão Europeia.

Assim como Andreatta, Welber Barral, ex-secretário de Comércio Internacional no segundo mandato do presidente Lula e sócio-fundador da BMJ Consultoria, destacou que o caráter embrionário e as configurações comerciais do acordo entre EUA e UE não permite cogitar que prejudicaria a concretização do tratado entre Mercosul e UE.

“O acordo entre União Europeia e Estados Unidos é bem parcial. Ainda há muita coisa para ser definida. Eles só decidiram a redução de 30% para 15% a tarifa de exportação de produtos europeus para os EUA. Não necessariamente vai prejudicar o acordo com o Mercosul. Pelo contrário, pode até ajudar. Isso porque o tratado com o Mercosul será de livre-comércio e, com os EUA, será com a aplicação de tarifas em produtos”, justificou.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Contagem regressiva para o tarifaço estressa o mercado

A contagem regressiva para o tarifaço de 50% imposto por Donald Trump sobre produtos brasileiros que entram nos Estados Unidos mergulhou empresários, diplomatas e investidores em clima de incerteza e estresse sobre o futuro das relações comerciais e diplomáticas entre os dois países. A poucos dias da entrada em vigor da medida, marcada para 1º de agosto, as pontes de diálogo permanecem frágeis e periféricas.

O Itamaraty mantém o chanceler Mauro Vieira em Nova York, pronto para seguir a Washington caso haja abertura de negociações, enquanto o vice-presidente Geraldo Alckmin prepara-se para viajar para buscar uma interlocução de alto nível com a Casa Branca. Nada indica, até o momento, que Trump esteja disposto a recuar.

O problema é que o tarifaço não é apenas de uma retaliação comercial, como acontece com o México e o Canadá, os dois países vizinhos e parceiros históricos dos EUA, embora tenha mais de 200 anos de intercâmbio comercial com o Brasil. A escalada tarifária também tem conteúdo geopolítico explícito e se insere na estratégia dos neoconservadores do movimento MAGA, a linha de frente do trumpismo, que enxergam o mundo em transição para uma nova guerra fria entre os Estados Unidos e a China, hoje o nosso principal parceiro comercial.

Na verdade, qualquer país que demonstre aproximação com o Brics representa uma ameaça para a Casa Branca. Por isso, o Brasil é considerado “desalinado”. A possibilidade de utilização internacional do Pix como alternativa de pagamentos entre países do Sul Global, uma alternativa tecnicamente viável, é vista como ameaça existencial ao dólar. Visa, Mastercard e outros gigantes financeiros norte-americanos enxergam o avanço do Pix como desafio, por ser o principal e mais popular meio de pagamento existente no Brasil, o que prejudica seus negócios no Brasil.

Outro ponto de fricção é a posição do governo brasileiro quanto à soberania sobre seus recursos minerais estratégicos. Ao determinar um mapeamento completo do subsolo brasileiro e condicionar a exploração de minérios críticos — como lítio e nióbio — ao controle estatal, como anunciou ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva contraria interesses representados pelo Departamento de Estado.

Ao reestruturar suas cadeias globais de suprimento, os EUA disputam acesso a essas matérias-primas. Brasil é uma peça central no xadrez geopolítico da transição energética e das novas tecnologias, em especial por causa das suas fontes de energia limpa e grandes reservas de minerais estratégicos.

### Isolamento progressivo

Entretanto, nada complica mais as negociações sobre as tarifas do que o fator político-ideológico dessa crise: o apoio declarado de Trump a Jair Bolsonaro. O bolsonarismo representa uma ponta de lança doméstica do que pode ser, no limite, uma mudança de regime à moda antiga. A retórica anticomunista, o culto à bandeira dos EUA e a idolatria por Israel não são apenas folclore, são marcas ideológicas de alianças políticas que transcendem fronteiras. Os métodos da Casa Branca lembram a preparação dos golpes de Estado que destituíram os presidentes João Goulart, em 1964, no Brasil, e Salvador Allende, em 1973, no Chile.

Antes mesmo de entrar em vigor, os impactos econômicos do tarifaço já estão sendo sentidos. A Embraer estima que cada avião vendido aos EUA com a tarifa de 50% pode gerar um prejuízo de R\$ 50 milhões. A SkyWest, que encomendou 74 aeronaves, estuda adiar entregas. O setor teme demissões, cancelamento de pedidos e retração de investimentos, nos moldes do que ocorreu durante a pandemia.

O agronegócio, com suas exportações bilionárias para os EUA, também sente a ameaça. A colheita de laranjas, por exemplo, deve ser suspensa, porque o prejuízo é menor se as frutas apodrecerem no pé.

Para complicar, o Brasil perdeu um aliado crucial: a União Europeia, que fechou acordo comercial com os EUA no domingo, o que fragiliza a posição brasileira e empurra para segundo plano as negociações do Mercosul, mesmo levando-se em conta o descontentamento da Alemanha e da França com o acordo. A nova aliança entre Washington e Bruxelas, depois dos acordos com a Índia e o Japão, afasta qualquer possibilidade de uma articulação multilateral por dentro do G7 (EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá) para barrar o tarifaço.

Lula, em discurso no Rio de Janeiro, apelou ao diálogo, mas Casa Branca permanece em silêncio. O Brasil precisa se preparar para caminhar com as próprias pernas.

Cadu Gomes/VPR



Ibaneis propôs a Alckmin participar do Fórum de Governadores para, juntos, as duas instâncias de governo buscarem soluções contra o tarifaço

## Ibaneis oferece a Alckmin solução conjunta

» FERNANDA STRICKLAND

Diante da iminência da entrada em vigor do tarifaço de 50% sobre as exportações brasileiras para os Estados Unidos, Ibaneis Rocha e outros chefes de Executivos estaduais começaram a articular, ontem, com Geraldo Alckmin, uma resposta conjunta ao impacto das medidas sobre a economia brasileira. No encontro, o governador do Distrito Federal entregou ao vice-presidente da República um convite formal para participar de uma edição extraordinária do Fórum Nacional de Governadores. A pauta: o impacto da sanção norte-americana e a formação de uma comissão nacional de acompanhamento. A reunião deve ocorrer antes de a tarifa vigorar, na sexta-feira, embora ainda não haja uma data definida.

“Vim trazer a ele (Alckmin) um convite do nosso Fórum Nacional de Governadores. Todos estamos muito preocupados, uns vão perder mais, outros menos. Mas acho que temos condições de promover um diálogo unindo toda a classe política brasileira em torno deste problema, que é nacional”, frisou Ibaneis.

O governador relatou que Alckmin acolheu bem a proposta e se comprometeu a agendar a reunião. “Ele recebeu muito bem o nosso convite e as nossas assessorias ficaram de marcar a data para que eu possa comunicar aos governadores, para que a gente faça esse fórum aqui debatendo esse tema, que vai atingir muito a população brasileira”, afirmou.

Ibaneis ressaltou que já há sinais concretos de prejuízos à economia. Segundo ele, alguns

frigoríficos estão encerrando atividades e empresas têm concedido férias coletivas, em antecipação aos efeitos negativos da medida sobre as exportações e a cadeia produtiva. “Temos notado que o principal interlocutor nessa matéria tem sido o vice-presidente Alckmin. Isso não impede que o próprio presidente Lula, querendo, participe desta reunião com os governadores”, acrescentou.

Além de reunir os chefes dos Executivos das unidades da Federação, a proposta do governador do Distrito Federal inclui a criação de uma comissão técnica interestadual para monitorar os impactos das tarifas e acompanhar as negociações diplomáticas e comerciais entre Brasil e Estados Unidos.

“Cada estado vai mostrar os seus impactos, e queremos formar uma comissão para acompanhar

as negociações. É hora de agir com diálogo e união para proteger empregos, renda e a população, que é quem mais sofre”, salientou Ibaneis, em publicação nas suas redes sociais.

Ele também destacou que o Fórum dos Governadores buscará focar em temas que promovam consenso. “Nossa postura no fórum, agora, é tratar de tarifas, porque eu quero o tema que eu. Agora, na questão da anistia [aos golpistas do 8 de janeiro de 2023 e aos que tentaram impedir a posse de Lula, em 2022], vários [governadores] têm suas posições já formadas. O Congresso está com um tema que precisa debater, mas tem sido uma pauta que está desunindo muito o país, às vésperas de uma eleição que se avizinha para 2026”, disse.

Leia mais na página 8